



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## A “amiga que já abortou” - Narrativas sobre resistência e solidariedade entre mulheres

Nanda Isele Gallas Duarte (1); Vera Lucia Marques da Silva (2); Liana Wernersbach Pinto (3)

*1 Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), Fiocruz, Rio de Janeiro RJ Brasil. - nandaisele@gmail.com*

*2 Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli, ENSP, Fiocruz, Rio de Janeiro RJ Brasil – veramarques@fiocruz.br*

*3 Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli, ENSP, Fiocruz, Rio de Janeiro RJ Brasil – lianawp@fiocruz.br*

**Resumo:** As pesquisas sobre aborto induzido no Brasil têm apontado para a existência de uma dinâmica paradoxal sobre o fenômeno. Se, por um lado, trata-se de um assunto tabu e cercado de estigma, conformando um tecido de aparente invisibilidade social para a prática, por outro é evento comum na vida reprodutiva das mulheres de todas as classes sociais, raças e religiões, indicando uma possível cultura de amplo compartilhamento de conhecimento e prática sobre o tema. Este artigo versa sobre a personagem da “amiga que já abortou”, que aparece em narrativas sobre a experiência com aborto induzido compartilhadas publicamente em uma plataforma *online*, entendida aqui como uma comunidade virtual de troca sobre o assunto, mantida pela organização não governamental internacional *Women on Web*. O destaque que esta personagem assume nas narrativas e no universo das redes sociais interpessoais mobilizadas pelas mulheres no seu itinerário abortivo estimulam a reflexão sobre o lugar da solidariedade entre mulheres na construção de alternativas – resistências – diante do contexto de clandestinidade que conforma o aborto induzido no país. Trata-se de uma reflexão inicial que integra pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Saúde Pública na ENSP/Fiocruz, a partir de uma etnografia virtual na referida plataforma.  
Palavras-chave: aborto provocado, redes sociais, internet, solidariedade.

### INTRODUÇÃO

No Brasil urbano, pelo menos uma em cada cinco mulheres terá provocado um aborto até o final de sua vida reprodutiva (Diniz; Medeiros, 2010). Contudo, o tema do aborto é cercado por estigma e tabus culturais e morais que se somam ao peso da proibição legal (Scavone, 2008). Nesse contexto, estudos antropológicos abordam os silêncios sobre o aborto, seu status de segredo para as mulheres que o experienciam (Motta, 2008; Porto, 2009). A equação desses fenômenos conforma um dos

muitos paradoxos revelados pelas pesquisas sobre aborto no Brasil: uma prática comum na vida reprodutiva das mulheres, por um lado, e aparentemente invisível no tecido social, por outro. Um cenário em que a solidariedade entre mulheres é decisiva para a adoção de estratégias frente às restrições legais da prática, indicando a existência de uma cultura do aborto compartilhada transmitida entre diferentes gerações de mulheres (Diniz, Medeiros, 2012).



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O repertório destas estratégias compõe o que a literatura chama de itinerário abortivo e inclui métodos, recursos e informações que se articulam com relações sociais estabelecidas com familiares, amigos e amigas, vizinhos, profissionais de saúde, entre outros atores (Heilborn et al., 2012; Tornquist et al., 2012). É sobre este aspecto relacional dos itinerários abortivos em contextos de clandestinidade que reside nosso interesse; sobretudo a relação de apoio mútuo que se estabelece entre mulheres durante sua mobilização para realizar um aborto e, especialmente, o papel desempenhado por outras mulheres que já passaram por essa experiência. Assim, este artigo analisa a personagem da “amiga que já abortou” que aparece em narrativas sobre a experiência com aborto induzido compartilhadas publicamente em uma plataforma *online*, entendida aqui como uma comunidade virtual de troca sobre o assunto, mantida pela organização não governamental internacional *Women on Web*, que apresentamos ainda que brevemente no tópico Métodos.

Os estudos sobre as condições que envolvem a realização de abortos induzidos, os itinerários e as redes de apoio que ocupam o espaço vazio deixado pela Estado têm apontado para os riscos que a criminalização do aborto no país representa para a saúde e a vida das mulheres e também identificado as

estratégias que elas desenvolvem para mitigá-los. A mensuração da magnitude do fenômeno do aborto provocado encontra obstáculos frente ao cenário de clandestinidade que influencia a subnotificação das ocorrências. Para determinar uma série histórica para o período de 1992 a 2005, Monteiro e Adesse (2006) utilizaram como base um cálculo sobre o número de hospitalizações do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), indicando uma tendência de redução das internações por abortamento de 1991 a 1996 e estabilização até 2005, ano em que estimaram a realização de 1.054.242 abortos, com taxa média de 2,07 abortos/100 mulheres entre 15-49 anos. Já a edição de 2016 da Pesquisa Nacional do Aborto (PNA) concluiu que, em 2015, 416 mil mulheres residentes de áreas urbanas provocaram um aborto (Diniz et al., 2017). Tanto a edição de 2010 como o estudo de 2016 da PNA concluíram que o aborto é comum entre mulheres de todas as classes sociais, e que sua prevalência aumenta com a idade da mulher, com o fato de ser da zona urbana, ter mais de um filho e não ser branca (Diniz; Medeiros, 2010; Diniz et al., 2017).

A PNA também mostrou que o principal método utilizado para o abortamento é o medicamentoso, empregado por metade das mulheres que referiram ter abortado, e que os níveis de internação pós-aborto são elevados:



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

quase 50% das mulheres que fizeram aborto recorreram ao sistema de saúde e foram internadas por complicações relacionadas ao processo (Diniz; Medeiros, 2010; Diniz et al., 2017). Outras pesquisas têm associado a alta incidência dos abortos inseguros com fatores vinculados a desigualdades sociais, como o déficit na qualidade da assistência à saúde sexual e reprodutiva das mulheres, dificuldade de acesso aos serviços de saúde, baixa escolaridade, baixa renda e discriminação étnica/racial (Anjos et al., 2013). Quando o enfoque da análise é deslocado para as mortes de mulheres causadas por abortos inseguros, o condicionamento da desigualdade social fica ainda mais evidente, sobretudo em relação aos recortes de classe e racial: estudo realizado entre 1999 e 2002 mostrou que as mulheres negras e as de menor escolaridade foram as que mais frequentemente morreram por aborto induzido no período (Martins; Mendonça, 2005). Mesmo diante da subnotificação de sua ocorrência, o aborto induzido, realizado em condições inseguras, é a quinta causa de mortalidade materna no Brasil (Brasil, 2014).

Ou seja, um efeito que a criminalização do aborto provocado não possui é o de evitar que abortos provocados sejam realizados, tampouco reduzir sua ocorrência. Pelo contrário, podemos inferir, assim como Biroli (2016), que a criminalização da prática do aborto brutaliza a sua realização. A

clandestinidade também constitui uma questão sensível para o interesse em estudar a questão do aborto no Brasil a partir do que dizem as mulheres. Entre 1987 e 2007, as pesquisas que buscaram dados primários o fizeram principalmente nos hospitais, a partir da sobreposição entre a figura do pesquisador e a do responsável pela assistência à saúde, valendo-se da garantia de sigilo da relação entre paciente e médico ou enfermeiro (Diniz et al., 2009). A ampliação da pesquisa sobre aborto e saúde pública no país passa, assim, pela necessidade de novos itinerários, que saiam dos hospitais e se aproximem, por exemplo, “do espaço doméstico, dos saberes femininos e tradicionais, da participação dos homens na decisão pelo aborto” (Diniz et al., 2009, p. 941).

É nesse contexto que o presente artigo busca se justificar como uma contribuição ao esforço de ampliar o cenário de estudos que considerem a perspectiva das mulheres. Para isto, localizamos na internet uma possibilidade de coleta de dados que mantém a proteção da identidade das mulheres, configurando-se como uma estratégia de pesquisa em potencial frente às dificuldades impostas pelo caráter clandestino da experiência de abortar.

## MÉTODOS

### Sobre a plataforma *online* e sua escolha

As narrativas que servem à análise deste artigo foram coletadas na plataforma *online* de



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

troca de depoimentos sobre a experiência com a realização de um aborto chamada “Fiz um aborto”, que integra o portal do grupo *Women on Web (WoW)*. Trata-se de um mapeamento de histórias sobre aborto, seja legal ou ilegal, de usuárias de 151 países. Os depoimentos são disponibilizados através do preenchimento de um formulário, com diversos campos, alguns com opções pré-definidas de respostas, outros com espaço para a escrita livre. O portal do WoW estava entre os três principais resultados de nossa busca *online*, realizada entre setembro de 2016 e março de 2017 por espaços virtuais de compartilhamento de histórias sobre aborto sem restrições de acesso. Os critérios para a escolha deste portal incluem a facilidade de navegação (as histórias são disponibilizadas em um mural que lembra um aplicativo com avatares), o grande número de depoimentos oriundos do Brasil e o fato de informar publicamente as organizações que mantêm o projeto, o que facilita a verificação de informações a respeito dele e possibilita o estabelecimento de contato para entrevistas.

Fundado em 2005, o site do WoW é a continuidade, na internet, do ativismo da Organização Não Governamental (ONG) holandesa *Women on Waves*. Desde 1999, a equipe da organização navega com um grupo de médicos pela costa de países onde o aborto é ilegal, oferecendo aborto medicinal a mulheres que a procuram, valendo-se da regra

da navegação em águas internacionais, regida pela lei do país de origem da embarcação – no caso, um país em que o aborto é permitido desde 1981 (VESSEL, 2014). Às ações com o barco, passaram a se somar iniciativas de divulgação sobre como fazer um aborto através de intervenções urbanas em países da América Latina, que divulgavam números de telefone por meio do qual as mulheres poderiam se informar. Braço digital da ONG, o site *Women on Web* mantém canais de telemedicina *online*, em onze línguas, que orientam por e-mail, chat ou telefone sobre como realizar aborto com medicamentos e, em muitos casos, enviam remédios abortivos pelo correio a países onde eles são ilegais (AIKEN et al, 2016).

Para as brasileiras, no entanto, uma mensagem em destaque informa que a alfândega do Brasil retém os pacotes enviados pela organização. Neste trabalho, a análise se deterá ao projeto “Fiz um aborto” e suas histórias, que se encontram disponíveis publicamente no site. Elas estão agrupadas por país de origem – em 5 de novembro de 2018, por exemplo, 467 relatos eram dos Estados Unidos; 17 do Irã; 357 da Argentina; 794 da Polônia; 73 da Nigéria; 434 do México e 1.086 do Brasil.

### **Caminhos de observação, coleta e análise**

Para investigar as interações e narrativas de mulheres sobre a experiência de provocar um aborto compartilhadas na plataforma do WoW,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, utilizando etnografia virtual, entrevista e análise de narrativa. A etnografia virtual foi desenvolvida a partir da abordagem que pensa a rede como “um local intersticial em que as fronteiras entre *online* e *offline* são fluidas e ambos interatuam” (Fragoso et al, 2011, p. 42). Para Hine (2000), a etnografia pode ser mobilizada para alcançar os significados da tecnologia e das culturas que a estruturam, ao mesmo tempo em que são estruturadas por ela. O desenho metodológico da etnografia foi inspirado no trabalho de Miller e Slater (2004), que reconhece este relacionamento complexo e nuançado entre os mundos *online* e *offline*, sem separar a internet, como uma tecnologia, do processo de troca. Assim, as etapas da etnografia virtual empreendida incluíram a observação da interação na plataforma do *Women on Web*, de abril a outubro de 2018, a coleta de 22 narrativas compartilhadas para análise, sobre as quais nos deteremos neste trabalho, a realização de entrevista com representante da ONG que mantém o espaço, e a consideração de entrevistas e outros materiais disponíveis publicamente sobre a organização como parte dos materiais etnográficos.

Para a coleta das narrativas, lançamos mão dos filtros disponíveis na própria plataforma, sobretudo aquele que classifica as histórias segundo os sentimentos reivindicados pelas

mulheres para a experiência. Escolhemos uma história entre cada uma das 22 possibilidades de classificação dos sentimentos (de “aliviada” à “zangada”), a fim de garantir certa diversidade de percepções que caracteriza a troca entre as usuárias do site, e sob o critério de evitar repetição de histórias.

A análise deste artigo integra uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo geral é compreender os sentidos do compartilhamento de experiências com aborto provocado na internet e os significados sobre o processo que são construídos nessa interação. No presente trabalho, nos deteremos, ainda que de forma bastante preliminar, às considerações sobre uma personagem que ganha destaque em diversas das narrativas estudadas: a “amiga que já abortou”, analisando primeiramente sua inserção em rede social.

### **Sobre o perfil das autoras das narrativas: breves apontamentos**

Os textos das narrativas informam sobre um perfil preponderantemente jovem, de camadas médias/baixas, moradoras de centros urbanos, sendo a maioria cristã e sem filhos. Das 22, 16 informam a idade e têm entre 19 e 29 anos, duas mencionam serem “novas” e uma “jovem”, e apenas três não informam esse dado nem indiretamente. Em relação à religião, a maioria é cristã (13), uma espírita, uma de religião de Matriz Africana, duas marcaram a opção “outra religião” e cinco dizem não ter



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

religião. Sobre relacionamento, nove namoram, três são casadas, nove não têm parceiro fixo (sendo 2 divorciadas) e uma não informa a respeito. Sete são estudantes (ensino médio e superior), quatro estão desempregadas, uma trabalhadora da saúde, uma autônoma e nove sem informação muito clara sobre ocupação. A maior parte menciona problemas financeiros (14), uma se diz de "baixa renda" e sete não mencionam questões de ordem financeira. Apenas quatro já são mães.

### **Solidariedade feminina em rede: “Se não fosse por ela, estaria praticamente perdida”**

Os itinerários abortivos descritos nos relatos envolvem a mobilização de parceiros, familiares, amigos, ONGs e grupos feministas de apoio seja na internet ou fora dela, serviços formais de saúde e profissionais de saúde que atendem clandestinamente, além dos fornecedores de medicamento<sup>1</sup>. Articulam, assim, a esfera das solidariedades primárias ou redes sociais primárias (relações de familiaridade, parentesco, vizinhança, amizade) e secundárias (grupos, organizações e movimentos que defendem interesses comuns e/ou partilham conhecimentos para

determinados fins) (Portugal, 2018; Marteleto, 2010).

Quando identificamos, nas narrativas, os personagens que integram as redes primárias acionadas, as mulheres ocupam lugar de destaque. Muitas amigas e algumas mães são citadas como personagens-chave nas narrativas, seja pelo apoio emocional que fornecem, pela confiança que as habilita ao papel de confidentes ou pela companhia solidária no momento da realização do aborto ou da busca por serviços de saúde. É o caso de Daiane<sup>2</sup>, de 28 anos, mãe de uma criança de 12, que, diante de uma gestação imprevista e sem condições nem desejo de levá-la adiante, contou com a ajuda de sua mãe e de uma amiga, ainda que elas não fossem favoráveis ao aborto. Ela escreve, em um fluxo contínuo de texto sem pontuação, ao mesmo tempo culpada e grata, que após fazer uso da medicação, enquanto sentia os sintomas do abortamento, “... *me senti despedaçada por dentro por minha mãe me ver fazendo uma coisa tão abominável e ainda assim me apoiando mesmo sendo evangélica ela me abraçou mas não chorou perguntou se eu estava bem, se estava tudo correndo bem*”.

<sup>1</sup> O medicamento, amplamente utilizado como método principal nos itinerários, é muitas vezes citado como “remédio”, ou “comprimido”. Trata-se do misoprostol, conhecido no Brasil pelo nome *Cytotec*, desenvolvido originalmente para o tratamento de úlceras gástricas e cuja popularização de seu uso para efeitos abortivos remonta aos anos 1980 e 1990 no Brasil. Neste trabalho, não discutiremos os métodos ou a centralidade do misoprostol na resolução dos itinerários. Para esta discussão, sobretudo em relação a

narrativas da plataforma *Women on Web*, ver Duarte et al., 2018.

<sup>2</sup> Em que pese o livre acesso ao material e a possibilidade de utilização de apelidos na plataforma, buscamos sobrepor mecanismos de proteção à identificação das autoras das narrativas, atribuindo novos e diferentes codinomes e retirando do texto qualquer informação que pudesse facilitar a sua identificação.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A mãe também é figura importante na história de Paula, jovem de 19 anos que, apesar de cristã como muitas outras, desenvolve uma narrativa pragmática sem evocação de sentimento de culpa: *“Quando entrei na 6ª semana resolvi contar pra minha mãe que no momento está nos EUA, ela me deu total apoio, disse que estava totalmente certa em abortar. Resolvi contar pra minha tia (que também me apoiou) e ela conhecia um amigo que vendia Cytotec”*.

Já a narrativa de Daniela, mulher desempregada de 29 anos que recentemente voltou a morar com os pais e passava por um *“momento muito difícil na vida”*, tem diversas personagens femininas marcantes. Uma delas é a amiga M., que a acompanhou no processo: *“Minha amiga acompanhou tudo. Segurando minha mão. Me deu banho e me levantou do chão várias vezes. Nunca vou esquecer isso”*. Além de M., Daniela recebeu o apoio de uma rede feminista que ajudou com o acesso à medicação e de uma médica feminista, E., que acompanhou o processo auxiliando com informações para o uso seguro do medicamento:

*Ela me explicou o funcionamento dos medicamentos e conversou longamente comigo. Pediu exames e disse para não tomar nenhuma decisão sem conversar com ela antes, E. foi realmente a pessoa mais incrível que poderia ter me acompanhado nesse processo e agradeço*

*muito por nossos caminhos terem se cruzado nesse momento. Desde então, nos tornamos amigas. (Daniela)*

Nessa troca de informações, saberes e apoio em que as mulheres ocupam lugar privilegiado nas narrativas, uma personagem recorrente chama a atenção: aquela pessoa que já passou pela experiência de provocar um aborto. Nas histórias de Aline, Catia, Carolina, Laura, Graça, Priscila, Nadia, Teresa e Zuleica, esta personagem aparece em algum momento, seja na pele de uma amiga, tia, prima, vizinha, conhecida ou até mesmo uma desconhecida que acaba sendo alçada ao status de nova amiga. Neste trabalho, chamamos esta personagem-chave de *“a amiga que já abortou”*.

O papel central que essa personagem cumpre em algumas histórias fica bem exemplificado na narrativa de Carolina, uma trabalhadora da área da saúde, de 26 anos de idade, que tem uma filha de seis anos e passava por problemas financeiros que influenciaram seu itinerário abortivo. Inicialmente sem recursos para adquirir o medicamento, contou com a ajuda de uma conhecida que *“diziam sobre ela ter abortado”* e possuía ainda *“sobras”* do medicamento, comprimidos de misoprostol não utilizados. Essa primeira tentativa foi infrutífera e, sem dinheiro para adquirir o medicamento no mercado clandestino, Carolina se viu *“arrasada”*,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

“engoliu o orgulho” e pediu dinheiro emprestado a uma amiga, a quem tinha “como irmã”. Foi, no entanto, surpreendida pelo desprezo dessa amiga, que a “enrolou” e não emprestou o dinheiro. Em pânico, com oito semanas de gestação e vendo o tempo passar sem encontrar a solução que buscava, ela se desesperou:

*E eu tinha medo de o tempo passar, o feto crescer e não ter mais tempo. Me desesperei tanto, bebi horrores neste dia. E quando eu menos esperava, um anjo bom me apareceu. Uma pessoa desconhecida que me foi apresentada e havia passado pela mesma situação, porém com um fim horrível (...) e ela me ajudou.*

Com o dinheiro emprestado desse “anjo bom”, com quem criou uma amizade posterior, Carolina comprou mais misoprostol e deu continuidade à sua jornada. O auxílio ao acesso ao método, compartilhando recursos e informações, é uma das contribuições da “amiga que já abortou” nas narrativas. Dada a instabilidade do contexto da clandestinidade, porém, nem sempre esse conhecimento prévio se mantém como alternativa. Catia, por exemplo, uma jovem de 24 anos que se descobre grávida às vésperas de uma viagem de intercâmbio, ao chegar na cidade de sua prima que já havia interrompido a gestação, descobre que a clínica que buscava a partir da

indicação de sua familiar havia sido fechada pela polícia.

Em algumas narrativas, a mediação da internet para essa troca de informações e apoio entre mulheres ganha ainda mais centralidade. Para Castells (2006), as tecnologias de informação e comunicação (TIC) contribuem para a ampliação da capacidade de solidarização e mobilização de recursos das redes sociais. Como na história da estudante de 19 anos Aline, que “fez amizade” na rede com uma mulher que já havia abortado, que lhe passou dicas e o contato que ela utilizou para a compra do medicamento: “Se não fosse por ela, estaria praticamente perdida”.

A atenção para a importância das redes sociais na resolução dos itinerários abortivos nos permite pensar, junto com Portugal (2018), sobre a articulação do conceito de rede com o conceito de cuidado, que revela a complexidade de articulações entre atores públicos e privados e a heterogeneidade de relações e de fluxos formais e informais. Ao realizar esta articulação, a autora propõe um olhar sobre a forma e o conteúdo das relações sociais que se estabelecem, em especial os laços da rede. Em nossa análise, a “amiga que já abortou” se revela um destes laços, um “nó” importante na rede mobilizada pelas mulheres. E, ao dividirem suas histórias na plataforma, estas mulheres tornam-se também um “nó”, um laço, um encontro na rede de outras, as suas





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

leitoras. Esta possibilidade se expressa nas narrativas especialmente de duas formas: como reconhecimento da importância que a leitura de outras histórias significou nos seus percursos e na intenção de reproduzir nos seus relatos o detalhamento de métodos, doses, sintomas e dicas. Esta maneira quase prescritiva de comunicar as inúmeras experiências de interrupção de uma gravidez transforma o espaço da plataforma em uma grande partilha de *modos de fazer*, que são singulares em muitos aspectos, mas que narram uma experiência comum. Sobre esse aspecto, trazemos algumas considerações no próximo tópico.

### **A experiência comum partilhada: “Eu passei pelo mesmo que você! Calma, que dará tudo certo!”**

A solidariedade feminina é conhecida na literatura brasileira sobre aborto: a transmissão de saberes sobre práticas e métodos, o acompanhamento e a partilha do segredo entre mulheres tem caracterizado as redes de proteção mobilizadas nos itinerários abortivos das brasileiras (Motta, 2008; Scavoni, 2004; Brasil, 2009; Diniz, Medeiros, 2012). Nesta análise preliminar sobre as narrativas compartilhadas, a solidariedade também se revela fundamental à experiência de realizar um aborto, especialmente na configuração reticular das trocas que se estabelecem entre as mulheres, *online* e *offline*. Ao olhar para o

campo, é possível perceber três elementos centrais relativos à experiência compartilhada. São eles:

1) A valorização da experiência comum como um ponto de conexão entre histórias diversas. Isto pode ser percebido nas respectivas falas de Graça e Raquel, ambas com 23 anos, por exemplo.

*voltei a procurar na internet e li todos os depoimentos que encontrei, precisava de ajuda e incentivo. Ler vários casos que deram certo foi fundamental, mesmo sem fazer ideia de como eram aquelas pessoas, elas me proporcionaram um conforto e me incentivaram como nenhuma outra pessoa conhecida poderia fazer.*

*Enquanto o dia não chegava fui lendo os depoimentos das mulheres que já haviam tomado cytotec, li muito, pois sou muito medrosa pra tudo. Fiquei bem tranquila lendo os depoimentos.*

2) A escrita dirigida a uma leitora, ou seja, a intenção de falar diretamente a alguém que no futuro pode estar partilhando das mesmas dúvidas e angústias que elas experimentaram. Foi o que fez Gisele: “*Bom, vou contar desde o início pq quero compartilhar cada momento da minha experiência e cada detalhe pq sei que irá ajudar mais pessoas que estão passando por essa situação*”. Esta preocupação em ser minuciosa também é revelada por Paula:



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

*“Minha história é grande mas preciso relatar os detalhes para outras mulheres ter o máximo de entendimento possível”.*

3) A necessidade de “retribuição” ao ciclo que as beneficiou no seu processo, como se elas pudessem se tornar, ao dividir sua experiência ali, a “amiga que já abortou” de alguma mulher desconhecida. Zuleica, trabalhadora autônoma de 26 anos, afirma:

*Não tenho como agradecer o suficiente toda segurança que senti aqui. Agradeço imensamente também a cada uma das mulheres que contou sua história, desde as que queriam, as que não queriam fazer o aborto, as mais novas, as mais velhas, as que tinham certeza, as que não tinham, as que tiveram muitas complicações, as que não tiveram. Todo relato é válido e bem vindo. Eu sabia tudo que poderia ou não acontecer comigo, graças a vocês! Obrigada corajosas!*

Já a fala de Daiane revela a compreensão da experiência da interrupção voluntária do aborto como algo da condição de mulher e a relação entra a ilegalidade da prática com a injustiça social marcada pelo gênero. O estar nessa condição de subalternidade comum à experiência das mulheres, sinalizada pelo uso da palavra “amparada”, contrapondo-se ao desamparado associado à subalternidade, as

une e Daiane cerca a todas de amor, de acolhida, de solidariedade.

*e deixo aqui meu depoimento a tantas e tantas outras marias que passaram e passarão por isso uma vez ou outra na vida, muitas das vezes pelo peso de ser MULHER, passou comigo e você em seu momento de desespero também passará apenas desejo do fundo do coração que as que forem passar como passei em casa por meio de medicamentos passem amparadas de amor e que corra tudo bem como aconteceu comigo ... beijo e abraço a todas... nós que somos ilegais em uma país tão injusto com a nossa raça MULHERES..*

O reconhecimento da experiência comum<sup>3</sup> como um marcador da percepção sobre ser mulher em um dado contexto histórico foi abordado por Camurça (2007). Ao estudar a partilha e análise de biografias entre um grupo de pesquisadoras-educandas, a autora aponta que elas “percebem-se mulher e compreendem o ser mulher como uma experiência socialmente compartilhada e historicamente situada, ainda que seja uma experiência singular para cada uma” (Camurça, 2007, p.4). Assim, estas experiências comuns, quando reconhecidas, fornecem significados sobre as práticas sociais que contextualizam as “formas

<sup>3</sup> Tanto a discussão sobre a experiência comum quanto o tema da solidariedade são vastos na literatura e, em especial, nas

obras de autoras feministas. Contudo, aqui pretendemos apenas sinalizar interseções com as narrativas apresentadas.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Políticas da Saúde

sociais do lidar com a menstruação e a puberdade das meninas, (...) a dupla jornada” (Op. Cit, p.4) e, pensamos aqui, a questão do aborto.

Para além dos efeitos do reconhecimento de uma experiência comum, porém, interessa-nos refletir sobre a partilha, a intenção de dividir esta experiência. Em *Feminism And the Politics of the Commons*, Federici (2010) analisa a coletivização do trabalho reprodutivo, que ela chama de produção dos "comuns" pelas mulheres, como forma de resistência à exploração e à divisão sexual do trabalho no capitalismo, em que um elemento central é a solidariedade com quem partilha destes comuns. Analogamente, podemos pensar sobre o compartilhamento da experiência comum entre as mulheres na plataforma do *Women on Web* como ferramenta de resistência ao contexto de clandestinidade e controle sobre seus corpos, sendo a solidariedade um princípio norteador das relações que se estabelecem entre elas, suas "amigas que já abortaram" e as desconhecidas que ainda irão abortar.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aspectos relacionais que integram os itinerários abortivos descritos nas narrativas compartilhadas por brasileiras no portal do grupo *Women on Web* envolvem redes sociais primárias, a partir de relações de familiaridade, vizinhança e amizade, e secundárias, com

mobilização de grupos, organizações e movimentos. Assim, a primeira categoria de análise que caracteriza as relações que as mulheres estabelecem nas suas jornadas particulares é a organização em rede destas relações. Frente às lacunas das políticas públicas para uma assistência humanizada ao abortamento, ao estigma social em relação ao tema do aborto e aos riscos da clandestinidade a que estão submetidas, as mulheres se movimentam em rede, contando especialmente com outras mulheres para resistir às tensões desse contexto. Nas redes primárias acionadas em seus itinerários, uma personagem desponta em importância como buscamos demonstrar: a “amiga que já abortou”.

As trocas entre as protagonistas das narrativas e esta personagem são caracterizadas por apoio moral, informações sobre o procedimento, auxílio no acesso a um meio, partilha de medicamentos e empatia por uma situação já vivenciada. Estes elementos também são comuns à relação entre as mulheres e os depoimentos lidos de outras mulheres, o que estimula muitas delas a retribuir o gesto de que se beneficiaram, compartilhando também suas histórias, dicas e suas formas de fazer um aborto. Assim, no ambiente da plataforma, elas intencionam tornarem-se também a “amiga que já abortou” de outras mulheres, desconhecidas, que poderão ler seus relatos. A solidariedade



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

conforma, assim, a segunda característica que destacamos para a compreensão do campo.

A terceira é a experiência comum que conecta as diferentes narrativas das mulheres na plataforma. O reconhecimento e a partilha desta experiência comum organizam, por um lado, percepções sobre desigualdade de gênero e sobre “ser mulher”, a partir de uma experiência socialmente compartilhada, e, por outro, produzem discursos e estratégias também comuns para lidar com as dificuldades desta experiência.

Estas categorias, no entanto, podem ser separadas apenas para fins analíticos: na grande trama que as diferentes narrativas tecem na plataforma, as redes de solidariedade conectadas pela experiência comum com o aborto existem entrelaçadas, como estratégias em movimento frente à rigidez da lei e dos valores conservadores tão em voga neste momento histórico-político brasileiro.

### REFERÊNCIAS

- ANJOS, K. F. DOS; SANTOS, V. C.; SOUZAS, R.; EUGÊNIO, B. G. Aborto e saúde pública no Brasil: reflexões sob a perspectiva dos direitos humanos. **Saúde em Debate**, v. 37, n. 98, p. 504–515, 2013.
- AIKEN, A.R.A.; GOMPERS, R.; TRUSSELL, J.; WORELL, M.; AIKEN, C.. Requests for Abortion in Latin America Related to Concern about Zika Virus Exposure. **The New England Journal of Medicine**, 375;4, p. 396-398, 2016.
- BIROLI, F. Aborto, justiça e autonomia. In: BIROLI, F.; MIGUEL, L.F. **Aborto e democracia**. São Paulo, Alameda, p. 17-46, 2016.
- BRASIL. **Aborto e Saúde Pública: 20 anos**. Brasília, Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia, 2009.
- CAMURÇA, S. ‘Nós mulheres’ e nossa experiência comum. **Cadernos de Crítica Feminista**, Número 0, Ano I, Recife: SOS CORPO, 2007.
- CASTELLS, M. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (org). **A Sociedade em Rede - Do Conhecimento à Ação Política**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 17-30, 2006.
- DINIZ, D.; CORRÊA, M.; SQUINCA, F.; BRAGA, K. S. Aborto: 20 anos de pesquisas no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 25, n. 4, p. 939–942, 2009.
- DINIZ, D.; MEDEIROS, M. Aborto no Brasil: uma pesquisa domiciliar com técnica de urna. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 959–966, 2010.
- \_\_\_\_\_. Itinerários e métodos do aborto ilegal em cinco capitais brasileiras (PNA). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 7, p. 1671–1681, 2012.
- DINIZ, D.; MEDEIROS, M.; MADEIRO, A. Pesquisa Nacional de Aborto 2016. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. Vol.22, n.2, p.653-660, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017000200653&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017000200653&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acessado em 21 de setembro de 2018.
- DUARTE, N. I. G.; MORAES, L. L.; ANDRADE, C. B. A experiência do aborto na rede: análise de itinerários abortivos compartilhados em uma comunidade *online*. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(10): p. 3337-3346, 2018.
- FEDERICI, S. *Feminism And the Politics of the Commons. Uses of a WorldWind, Movement, Movements, and Contemporary*



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Saúde

*Radical Currents in the United States*, Team Colors Collective, Oakland: AK Press, 2010. Disponível em: <<http://www.commoner.org.uk/wp-content/uploads/2011/01/federici-feminism-and-the-politics-of-commons.pdf>> Acessado em 15 de outubro de 2018.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre, Sulinas, 2011.

HEILBORN, M. L.; CABRAL, C. DA S.; BRANDÃO, E. R.; et al. Itinerários abortivos em contextos de clandestinidade na cidade do Rio de Janeiro - Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 7, p. 1699–1708, 2012.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. Londres: SAGE Publications; 2000.

MARTELETO, R. M. Redes Sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, 3(1): p.27-46, 2010

MARTINS, A. L, MENDONÇA, L. C. **Dossiê Aborto** - Mortes Preveníveis e Evitáveis. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde; 2005.

MONTEIRO, M. F. G; ADESSE, L. Estimativas de aborto induzido no Brasil e Grandes Regiões. 1992-2005. In: **Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, Caxambu, 2006.

MOTTA, F. DE M. Sonoro silêncio: por uma história etnográfica do aborto. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 681–689, 2008.

MILLER, D.; SLATER, D. Etnografia *on e offline*: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004

PORTO, R. M. **Aborto Legal e cultivo ao segredo**. Dramas, práticas e representações de profissionais de saúde, feministas e agentes sociais no Brasil e em Portugal. Tese (Doutorado em Antropologia Social),

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PORTUGAL, S. Para uma abordagem reticular do cuidado em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 23(10), p. 3137-3139, 2018

SCAVONE, L. Políticas feministas do aborto. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 675–680, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e Ciências Sociais**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

TORNQUIST, C. S.; PEREIRA, S. SM.; BENETTI, F. J. Usos e sentidos do *Cytotec*. Percepções sobre o uso do “comprimido” em um bairro popular de Florianópolis. In: AREND, S. M. F.; ASSIS, G. O.; MOTTA, F. M. (org). **Aborto e Contracepção**. Histórias que ninguém conta. Florianópolis: Insular, 2012, p. 173-203.

VESSEL. Direção: Diana Whitten. Espanha / Estados Unidos / Holanda / Irlanda / Polônia: *Sovereignty Productions*, 86 min, 2014.